

Azevedo, Silvia Maria. **Brasil em Imagens – Um estudo da Revista *Ilustração Brasileira* (1876-1878)**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, 355p.

Elaine Dias*

Se *Brasil em Imagens – Um estudo da revista Ilustração Brasileira (1876-1878)*, de Silvia Maria Azevedo, fosse apenas uma publicação destinada a refletir sobre a forma e o conteúdo desse importante periódico no contexto do Império de D. Pedro II, já teria, por si só, cumprido sua função no conjunto de produções intelectuais sobre o século XIX brasileiro. Teria já nos relatado e fixado o enfoque, as diferenças e a relevância da *Ilustração Brasileira* fundada por Carlos e Henrique Fleiuss, entre todas as revistas “ilustradas” que apareceram não só naquele período, mas naquele mesmíssimo ano. No entanto, a proposta de Azevedo vai além de seu objeto, tornando-o centro de uma trama envolvente e repleta de elementos fundamentais para o entendimento da cultura e da política daquele período.

O livro analisa, de forma arguta e leve, os diversos meios de mediação propostos pelo periódico em seus curtos e relevantes dois anos de existência, sem deixar, contudo, de perder sua densidade embasada nas fontes documental, literária e historiográfica, dialogando com autores que já adentraram a fogueira sociopolítica dos últimos anos do Império. A política, a literatura e as formas de representação visual se entrelaçam neste veículo de comunicação voltado à exaltação de Pedro II, e é igualmente neste ponto que a relevância deste livro se constitui. É aqui, pois, que percebemos as direções, as armadilhas e as contradições do periódico, explicadas pela autora de modo a entendermos *pari passu* sua força e fragilidade no papel enaltecido do monarca.

A curta duração da revista dos Fleiuss chama-nos a atenção. Como ela funcionou durante este tempo e por que teria durado tão pouco? O que desencadeou seu fechamento? Estas questões vão sendo respondidas ao longo dos capítulos que mostram, inicialmente, a trajetória intelectual de um dos fundadores da “séria” revista *Ilustração Brasileira*, Henrique Fleiuss, além de sua publicação anterior, a “satírica” *Semana Ilustrada*, relatando as diferenças e concepções das duas revistas apenas de nomes semelhantes. A comparação entre elas é fundamental para percebermos os objetivos da *Ilustração Brasileira* ao lado do monarca, ainda que haja a intenção declarada de abster-se de qualquer partido político. Azevedo nos mostra as facetas deste discurso e seus principais protagonistas, expondo e confirmando, aos poucos, o programa da revista em meio às outras publicações, entre as

* Professor Adjunto - Departamento de História da Arte - Unifesp – Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos - Estrada Caminho Velho, 333, Pimentas, Guarulhos, São Paulo, Brasil. E-mail: elaine.dias@unifesp.br

quais *O Mosquito*, *a Revista Ilustrada*, *a Ilustração do Brasil* igualmente expostas pela autora na compreensão do espaço cultural e político do Rio de Janeiro. A gravura contida em seu primeiro número – representando as deusas Clio, Melpômene e Pintura reunidas em prol da união da História e das Artes – sinaliza o papel da revista na linha do conhecimento por meio de textos e imagem.

Azevedo nos relata, em seus sete capítulos, a força motriz do periódico no contexto político, social e cultural do Império. A ideia de uma nação civilizada, branca e moderna constituía sua principal chave que, como bem destaca a autora, tentava apagar os aspectos ainda sobreviventes do romantismo indigenista e suas inevitáveis interpretações que levavam a um país atrasado e de natureza selvagem, ainda que a escravidão assim o confirmasse. Nesse sentido, a corrente realista tornou-se uma das bandeiras hasteadas pela revista, evidenciando sua oposição à insistência romântica, cuja voz de José de Alencar ainda ecoava com força até mesmo entre seus membros. Pregando a importância das letras, das artes, da ciência e do progresso, a *Ilustração Brasileira* foi a porta-voz de um programa político civilizador em direta relação com Pedro II e suas ações. Azevedo mostra como estas ações vão se entrelaçando às seções de textos e imagens da revista, destacando não apenas como se conduziu este programa político, mas igualmente as discussões literárias, sociais e artísticas que se desenrolavam naquele período.

Sabe-se que, na década de 1870, a cultura alcançava pleno desenvolvimento, sobretudo no que concerne à Academia Imperial de Belas Artes e suas exposições, ao papel da fotografia na cidade, à música e ao teatro no Rio de Janeiro. É de especial relevância para o leitor, neste contexto, conhecer e entender o funcionamento do Imperial Instituto Artístico fundado pelos irmãos Fleiuss e por Carl Linde em 1860, cujo objetivo era não só imprimir a Revista e suas gravuras, mas realizar um papel inovador no âmbito das publicações e da circulação das artes na sociedade. Estas preciosas informações são trabalhadas pela autora que não deixa de explicitar a importância da criação deste instituto no âmbito da produção de gravuras e de suas relações com a fotografia no Rio de Janeiro, especialmente aquelas de Marc Ferrez, que forneceu matrizes de temas diversos para sua execução.

Estes fatores vão conduzindo os capítulos de *Brasil em Imagens* e a autora vai demonstrando as artimanhas propostas pelos textos e pelas gravuras no periódico de Fleiuss. Artimanhas estas que foram bem e mal articuladas pela *Ilustração Brasileira*, sobretudo no que se refere à viagem feita pelo Imperador aos Estados Unidos, por ocasião da Exposição Universal da Filadélfia, tema que a autora analisa argutamente. Azevedo nos permite entender não só como se desenrolaram estes eventos internacionais culturais e políticos de grande monta, mas também a sua recepção pela sociedade carioca e seu papel na afirmação da imagem moderna e civilizada do “Imperador Ianque”. Do Imperador sim,

mas não de seu país. O Brasil sofria, naquele momento, o surto de febre amarela que ceifava anônimos e notáveis, os mesmos que apareciam na seção da Revista destinada aos ilustres homens, para não tocarmos no delicado ponto das consequências advindas da Guerra do Paraguai. É nesse contexto que vamos percebendo os efeitos partidários e as falhas da *Ilustração Brasileira*. Azevedo discorre sobre o comportamento da revista na ausência do Imperador, o surto da febre e seus feitos no estrangeiro, a construção da imagem do “Monsieur d’Alcantara” e do Brasil na Exposição Universal, os artigos escritos para tanto – com especial destaque para o de Augusto Emílio Zaluar - e, além disso, como estas mesmas questões foram abordadas pelas demais revistas, tanto no sentido positivo quanto negativo da viagem de Pedro II.

O livro expõe, com astúcia, a relação estabelecida entre os periódicos e seus papéis como veículos de crítica, lugar onde a imagem constituiu um poderoso instrumento, sobretudo no relato das ações do Imperador ausente. Embora opte por determinados caminhos na divulgação da viagem de Pedro II, é certo que sua figura materializa-se na própria revista, uma vez que esta, na ausência do monarca, parecia representá-lo de fato na manobra dos eventos do Estado nacional para a propaganda de um país civilizado e moderno, ainda que alguns de seus editoriais e seções, muitas vezes desviassem o olhar para uma crítica velada às atitudes do Imperador e aos acontecimentos brasileiros. Isto se faz, por exemplo, na gravura de negros na Exposição Universal e dos artigos sobre “colonização” publicados na *Ilustração Brasileira*.

Percebemos, assim, como se desenrolam alguns delicados assuntos, espinha dorsal e pedras no sapato da política imperial, caso da escravidão e das tentativas de angariar, a todo preço, imigrantes para um Brasil agrícola somente com *pinta* de moderno. Azevedo expõe com maestria estas supostas contradições – uma vez que partimos do princípio de sua posição partidária favorável ao governo - ou intenções democráticas, as críticas veladas, os astutos artigos de manobra, destacando também as seções textuais da revista, sobretudo aquelas escritas por Zaluar e Machado de Assis, este último sob o pseudônimo de Manassés. Entre as obras mencionadas e analisadas pela autora, é de especial relevância aquela de Zaluar, “*Segredos da Noite*”, publicadas em vários números da Revista, em que a questão da imigração e da modernização agrícola é notória e bem situada no contexto das discussões políticas, sociais e econômicas, colocando-se, como bem enfatiza a autora, no campo dos “dois Brasis”: o “atrasado” e escravocrata *versus* o “civilizado”, “europeizado” e “branco”, pura “ficção”. Dois Brasis que novamente se mostrarão em outro momento delicado da “vida” da Revista, isto é, as diferenças e o debate travado entre o Norte e o Sul do Brasil, como apontaremos a seguir.

Enquanto isso, em meios aos artigos que procuravam discorrer sobre os problemas reais e possíveis projetos do Império, o livro reúne um conjunto de imagens de absoluta

importância para a compreensão de toda esta trama. Há a interessante análise das gravuras da expedição de Franz Keller-Leuzinger ao Amazonas, realizada em função do famigerado projeto de construção de uma estrada de ferro ligando a Bolívia e o Brasil. Esta experiência será publicada por Leuzinger na Alemanha, em 1874, sob o título de *Viagem de Exploração ao Amazonas e ao Madeira*. Mais uma vez, a Revista chamava a atenção para a noção de progresso por meio do projeto da ferrovia, ainda que ocultasse, ao contrário do livro de Leuzinger, qualquer informação sobre os indígenas daquelas regiões, sintoma este da recusa ao indigenismo e ao romantismo, conforme propõe a autora desde o início de seu livro.

Azevedo vai ainda discorrer sobre outra expedição realizada neste período, isto é, a Comissão Geológica do Império, dirigida por Charles Frederik Hartt em viagens ao Brasil, enfatizando, nesse sentido, seu caráter científico, seu vínculo ao Imperador e os elementos políticos que conduziram ao seu término. Nota-se, nesta parte do livro, o minucioso tratamento na análise das paisagens gravadas, como aquela da Cachoeira de Paulo Afonso realizada a partir da fotografia de Marc Ferrez, fotógrafo da Comissão. Nesse sentido, a autora confere a importância desse fotógrafo e de sua atuação no Rio de Janeiro, incluindo, neste rol poderoso de fotografias e gravuras, as vistas da encantadora cidade, sua intimidade com a pintura de paisagem e com os artistas atuantes no ambiente carioca. A especificidade do panorama vem ao encontro dessa relação e percebemos o quanto este gênero da paisagem, pelas mãos de Ferrez, manterá seu papel de encantamento e de promoção do conhecimento na educação do leitor de *Ilustração Brasileira* perante as vistas da “cidade maravilhosa”. “Cachoeira de Paulo Afonso”, “Vista da Pitoresca Baía do Rio de Janeiro” e “Cascata da Tijuca” são exemplos mais que certos do caráter monumental da paisagem, por vezes, escultural, e da função educativa promovida conjuntamente pela natureza e pela arte. Azevedo levanta questões fundamentais ao entendimento das conexões mantidas entre os diferentes suportes nesse período, possibilitando uma aguçada compreensão que passa do entrelaçamento das artes e da literatura neste período à historiografia que trata deste tema. O papel de Marc Ferrez na representação de outras províncias, como a Bahia e Pernambuco, será ainda de grande relevância não apenas no contexto da paisagem e do conhecimento, mas como integrante da teia de relações políticas, culturais e sociais do Brasil como um todo, parte significativa dos ideais de D. Pedro II e suas estratégias nacionalistas. Estas imbricações mostram o quanto o trabalho de Silvia Azevedo nos levará a futuros apontamentos e pesquisas.

A autora nos conduzirá, novamente, à confirmação das fragilidades de seu sistema editorial e do papel da revista. Os “dois Brasis” que comentamos acima, far-se-ão evidentes em vários números da Revista, tema que aparecerá em seu último capítulo. O papel dos “homens do Norte”, como Franklin Távora, será um dos elementos cruciais desse embate

nacionalista, não só por seu famigerado livro, *O Cabeleira*, publicado no ano em que a *Ilustração Brasileira* nasce, mas por sua atuação como membro da Revista. Azevedo nos coloca a par desta participação, alertando, sobretudo, por sua ameaça à tão destacada “unidade nacional”, permitindo, ainda, que entendamos o tratamento dado ao Norte e ao Sul do Brasil por seus regionalistas, dentro e fora da Revista, e também o debate que se trava no âmbito sociopolítico, acerca dos atrasos e progressos destas regiões, de suas heróicas histórias, de suas tradições populares e da delicada questão da miscigenação.

Por fim, a autora nos presenteia com o papel de Machado de Assis – o Dr. Semana da *Semana Ilustrada*, o Manassés da *Ilustração Brasileira*, o homem de letras sério de “pince-nez, barba e jaquetão” – nas seções “Histórias de Quinze Dias” e “Histórias de Trinta Dias”. Elas reunirão assuntos dos mais diversos temas, não deixando, contudo, de polemizar em questões que poderiam “comprometer o projeto civilizador do Império”, como afirma Azevedo. Estas crônicas – deve-se dizer – foram também publicadas por Sílvia Azevedo em livro recente, oferecendo aos leitores o gosto prolongado das histórias contadas por Menassés, já anunciadas em *Brasil em Imagens*. Mas, ainda sobre ele na *Ilustração Brasileira*, é preciso destacar que, entre seus artigos de cunho mais crítico, o recenseamento finalizado em 1876 e a libertação dos escravos deram corpo polêmico à sua pena, embora fosse ele próprio partidário de Pedro II e favorável, por exemplo, às suas investidas no ambiente internacional. Isto revela, novamente, a via de mão dupla percorrida pelos editores e colaboradores da Revista – a qual colocava em xeque, de certa maneira, o programa dos irmãos Fleiuss –, oferecendo-nos subsídios para compreender, entre outros fatores de igual importância, a curta duração do periódico.

A autora revela, assim, a importância do papel dos Fleiuss e da *Ilustração Brasileira* não só no conjunto de revistas e livros do Brasil de Pedro II, mas também nos diversos elementos que compunham uma atuação de amplo destaque na condução da política imperial. Por meio de estimulante reflexão, embasada nas fontes literárias e historiográficas, o caminho proposto por Sílvia Azevedo em *Brasil em Imagens* nos leva a um interessante universo multidisciplinar, sem perder de vista seu objetivo primeiro – “um estudo da Revista *Ilustração Brasileira*”.

Recebido em 10/10/2011

Aprovado em 15/10/2011